

# A ressignificação da história de vida na experiência de luto<sup>1</sup>

Rafaela Gross<sup>2</sup>

**Resumo:** Ao longo da nossa história, buscamos construir sentidos para nossa existência e para os acontecimentos que permeiam a vida humana, o que nos permite atribuir significados e sentidos até mesmo em situações dolorosas, como no luto. Apesar do luto ser uma experiência delicada e algumas vezes traumática, é possível encontrar sentidos nela por meio da ressignificação da história de vida do sujeito enlutado, tornando possível lidar e elaborar o luto. Seja em análise, na arte, na fala ou na escrita, quando se reconta a experiência que foi vivida, abrem-se possibilidades de ressignificação e, posteriormente, de elaboração. Diante disso, o presente trabalho buscou compreender como se dá o processo de luto articulado à ressignificação da história de vida do sujeito, visto que a ressignificação possibilita ao sujeito enlutado recriar e reconstruir sua história e sua experiência de perda, de modo a seguir em frente.

**Palavras-chave:** Luto. Psicanálise. Ressignificação.

“A morte chega cedo, pois breve é toda vida...”. O poeta e filósofo Fernando Pessoa (1933/1995, p.175), ao fazer essa reflexão sobre a morte, nos propõe pensar que esse acontecimento é um processo inerente à vida, pelo qual todos passam. No entanto, na sociedade contemporânea, quase não se costuma questionar sobre morte e luto, pois falar sobre isso pode trazer à tona dor e sofrimento advindos de perdas antigas e atuais. Em uma cultura na qual se costuma exigir demasiadamente a felicidade plena e constante, são poucos os

---

1 Trabalho de Conclusão de Curso da Graduação.

2 Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Cenecista de Osório.

lugares que permitem a escuta sobre experiências que convocam sentimentos de tristeza, como o luto.

Ao falar sobre luto, o pai da psicanálise, Sigmund Freud (1917/1996a), em uma de suas principais obras sobre o tema, intitulada *Luto e melancolia*, aponta esse sentimento como uma reação à perda: seja de um ente querido ou de alguma coisa que tome a mesma proporção. Ainda na mesma obra, Freud ressalta que nossa libido/energia pulsional está ligada a objetos (pessoas, coisas). Assim, quando o sujeito vivencia a perda de alguém, em um curso esperado de elaboração do luto, o inconsciente faz o trabalho de desinvestir a libido que estava ligada a determinada pessoa, para investir em outras coisas.

De modo semelhante, uma das conceituações recentes sobre o luto, segundo Fromm (2011), é a de considerá-lo como uma experiência de vida inevitável e imprevisível, que permeia nossa condição humana. Considera-se que esse seja um processo normal e esperado de resignificação e mudança da relação do sujeito com a pessoa perdida. Não se trata de resolver o luto com a volta da normalidade ao que era anterior à perda, e sim da incorporação da perda à vida do enlutado, de modo que se possa seguir adiante. Cabe ressaltar que nem todas as pessoas elaboram o luto de uma maneira saudável e, nesses casos, ele pode se tornar patológico, acometendo o sujeito com estados depressivos, melancólicos, etc. No presente trabalho, porém, não irá ser abordado o luto pela via patológica.

Dada a importância e o desejo implicado de falar sobre o tema, este trabalho visou compreender como se dão os processos de luto e de resignificação a partir da abordagem psicanalítica. Ou seja, reflete-se como, a partir da experiência de luto, o sujeito reconta sua história, (re)encontra seu lugar no mundo, dado que a perda produz efeitos, e como ele se apropria desses, possibilitando que resignifique sua perda e sua história de vida.

Compreendendo os processos esperados do luto, John (2015) aponta que nele se tem uma mudança de posição frente ao objeto perdido, assim como também há uma abertura para outras ligações, conexões ou novos investimentos libidinais. Segundo a autora, a passagem não linear do tempo produz perdas. E ela também permite que algo se altere e se produza. Esse processo de *desinvestimento vs. investimento* direciona o trabalho de luto como uma possibilidade de resignificação da história de vida do sujeito que vivencia o luto, fazendo com que ele (re)encontre seu lugar no mundo, (re)leia sua história e, assim, lide com o que restou da perda.

Apesar de ser uma experiência dolorosa, é possível que se produzam sentidos a partir dela. Como afirma Carneiro e Abritta (2008), o homem está

constantemente buscando sentidos para sua vida, e eles são únicos para cada um, assim como são mutáveis. A busca por sentido possibilita que se encontrem propósitos também em situações angustiantes, como vivenciar a morte de alguém – resignificando a experiência vivida. Assim, o encontro com a morte pode possibilitar a resignificação da existência, ou seja, o sujeito encontra em seu desejo uma saída para lidar com a morte e o luto. Dessa forma, ele faz do luto uma experiência na qual se encontram possibilidades de elaboração, sem sofrer de um luto patológico, onde não encontraria condições de sair do sofrimento.

Passar por um processo de luto é muito singular, visto que cada pessoa encontra maneiras diferentes de lidar com a dor da perda. Rochak (2015) salienta que o sujeito enlutado traz em seu discurso um apego ao outro, a ponto de senti-lo como se fosse parte sua e, quando fala de sua dor, refere-se a ter perdido uma parte de si, o que representa o quão angustiante e difícil é passar por um processo de luto. Entende-se, pois, a importância de compreender esse processo, atemporal e singular, dado que cada pessoa lida com o luto de um jeito diferente e em seu tempo. Assim como entende-se que resignificar as memórias ligadas ao ente perdido é um percurso delicado.

O processo de resolução/elaboração do luto não é simples. Campos (2013) aponta que, para o sujeito elaborar uma perda e reencontrar novos caminhos para o seu desejo, envolve algum tempo e um trabalho exaustivo, pois o objeto de amor perdido precisa ser desinvestido e encontrar novos substitutos para investir. É um trabalho árduo, exige uma energia intensa do sujeito. E, entendendo como é difícil dinamicamente passar por uma experiência de luto, em tempos em que não se fala sobre dores, nada mais justo do que falar com uma pessoa que tenha passado por isso, ou falar consigo mesmo, pois sabemos que, para a psicanálise, a palavra é poderosa e através dela construímos nosso mundo. É através das palavras que temos possibilidade de dar outro sentido a uma experiência tão dolorosa quanto essa. Pois, como assinalam Cavalcanti, Samczuk, e Bonfim (2013), a perda de um objeto amado traz, momentaneamente, a fragmentação e a desestruturação do sujeito que o perdeu. Nesse sentido, o luto é um processo de reorganização e reconstrução diante da perda, tratando-se de um intenso desafio psíquico com que o sujeito se depara e há de lidar.

Para falar de luto, é imprescindível falar sobre a morte e os efeitos que ela causa, visto que a maneira como o sujeito e a sociedade se posicionam diante dela contribui para a constituição subjetiva e cultural (Giacioia Júnior, 2005). Em nossa cultura, desde os primórdios da civilização, a morte costuma ser tratada como um tabu, da mesma forma que o luto daqueles que ficam costuma ser velado. Partindo do pressuposto de que a morte é irrepresentável e inevitável,

esse tema costuma ser tratado com certa negação: talvez por isso elaborar um luto seja tão difícil, já que não se costuma falar sobre ele.

Nesse sentido, é de importância fundamental contextualizar como o sujeito encara a sua morte e a morte do outro, desde a antiguidade, até os dias de hoje. Para isso, as colocações de Freud (1915/1996b) em *Reflexões para os tempos de guerra e morte*, apesar de terem sido publicadas há mais de um século, são compatíveis ainda hoje com o modo como lidamos com a morte e suas vicissitudes. Nessa obra, Freud destaca que é impossível imaginarmos nossa própria morte, e sempre que tentamos fazer isso, estamos presentes como espectadores. O inconsciente, dessa forma, é convencido de que somos imortais. Quando se trata da morte do outro, o sujeito evita falar sobre, com exceção às crianças, que se aventuram e se ameaçam umas às outras com a possibilidade da morte, podendo verbalizar para a mãe, por exemplo, sobre o que fariam logo depois dessa morrer.

Na mesma obra, Freud (1915/1996b) fala, ainda, que costumamos dar ênfase a causas específicas para a morte, como por via de doença, acidente, idade avançada, etc., e, dessa forma, fazemos um esforço para não encararmos a morte como algo inevitável. O autor aponta que, à pessoa que morreu, adotamos uma posição de admiração, deixamos de criticá-la e realçamos todas suas características favoráveis em lembranças. Quando a morte acomete alguém que amamos – um cônjuge, filho, um irmão ou amigo íntimo, por exemplo – nossas esperanças, prazeres e desejos se vão ao túmulo com essa pessoa, nada parece consolar e preencher o vazio.

Observavam-se no homem primitivo formas contraditórias de lidar com a morte. Por um lado, ele a encarava como algo sério e a reconhecia como o término da vida. Já com pessoas estranhas, inimigos, entre outras pessoas, considerava a morte como um aniquilamento de alguém que odiava, inclusive não havia receios em causar a morte de outrem (Freud, 1915/1996b). Nos dias de hoje, essas referidas colocações se fazem atuais e nos possibilitam entender que, mesmo com o passar dos anos e com as modificações culturais, a morte costuma ser lidada com negação e, ao mesmo tempo, para alguns sujeitos, não se tem receio quanto a realizar, em ato, a morte do outro.

Algumas reflexões interessantes sobre a morte são trazidas por Walter Benjamin (1994) que, em sua obra, fala que no decorrer dos últimos séculos pode-se notar que a morte vem perdendo, coletivamente, sua ideia de onipresença e sua força de evocação. O autor conta que, durante o século XIX, com a produção das instituições higiênicas e sociais, públicas e privadas, surge um efeito colateral que talvez fosse o objetivo inconscientemente: o de permitir aos homens de evitarem

o espetáculo da morte. Antes o morrer era algo público na vida do indivíduo, e, hoje, a morte se torna cada vez mais expulsa do universo dos vivos. O autor ainda ressalta que é na morte que a sabedoria e o saber do homem, e principalmente sua existência vivida – sendo dessas substâncias que são feitas as histórias, assumem uma forma transmissível.

Essa possibilidade de transmissão da morte, que vem decaindo culturalmente, possibilitaria ao sujeito condições de viver a experiência da perda de alguém próximo, podendo esse ter acesso ao ritual da morte: o sofrimento, o choro, a despedida, etc. Isso porque somente quando o sujeito se autoriza a passar por essa angústia necessária ele tem condições de lidar com a situação e de seguir em frente, pois a morte não seria então tratada como uma negação.

Allouch (2004) faz apontamentos semelhantes aos de Benjamim, citados acima, quando fala que o tabu que permeia a morte no Ocidente está relacionado ao declínio da convicção das crenças religiosas, pois, no passado, o homem se agarrava à crença cristã da imortalidade da alma. A morte não significava separação e o enlutado acreditava na crença de um além, onde haveria um reencontro com o morto. O autor fala, atualmente, em “tempo da morte seca”, no qual há escassez de público, ritos e lágrimas, fazendo do enlutado um sujeito silenciado. Todavia, esses mortos retornam ao sujeito na forma de sintomas e de sufocamento. Esse tempo que o autor nos situa, o tempo da morte seca, nos permite refletir por que os sujeitos cada vez estão adoecendo mais, visto que estamos em uma época repleta de tecnologias e prazeres, mas não sabemos falar: é difícil falar de nós mesmos, e mais delicado ainda é falar de nossas fraquezas, de nossas dores, de nossa falta. Estamos nos calando e nossos corpos produzem sintomas como tentativas falhas de elaboração daquilo que não é dito.

Falar de morte muitas vezes nos remete ao envelhecimento do corpo e de sua escassez, mas Giacoia Júnior (2005) afirma que ela também remete a outro mundo, permeado por caos e confusão, onde não existe mais nada nem ninguém. O que parece estar em jogo nesse silêncio e na negação sobre a morte é justamente o não saber sobre ela. Não se sabe o que acontece segundos após ser decretada a morte de alguém e é difícil o afrontamento com o fato de que essa pessoa passe a ser apenas um amontoado de células, sem comunicação ou sensação alguma.

Da mesma forma que parece doloroso e insuportável encarar a morte, temos dificuldade em falar sobre ela. Culturalmente, não temos o hábito de conversarmos sobre nossas perdas, não abrimos espaço para lidar com elas, e talvez seja por essa razão que esse tema ainda seja tratado como um tabu. A psicanálise nos ensina que o que não é dito, é repetido por atos, vira sintoma, aflora no corpo e, por

isso, podemos observar em nossa volta as várias pessoas que costumam adoecer após sofrerem uma perda significativa.

Nesse mesmo contexto, Ramalho (2017) fala que, ao sofrer uma perda, o sujeito não é conduzido a lidar com o luto de forma natural. Essa forma natural, hoje em dia, trata-se de uma maneira de abreviar o sofrimento, fazendo com que as pessoas busquem cada vez mais por antidepressivos e ansiolíticos. Ademais, é comum ouvir de pessoas próximas o estímulo para que a pessoa enlutada saia de casa, divirta-se, supere a perda. E é dessa forma que o luto e o sofrimento são tratados com negação. Assim, ao invés de serem ouvidos, esses sujeitos tornam-se silenciados.

Para entender os processos dinâmicos inconscientes do luto, destaca-se um dos textos mais conhecidos de Freud (1917/1996a), intitulado *Luto e melancolia*, no qual, ao falar sobre o luto, o autor aponta-o tanto como uma reação à perda de um ente querido como à perda de alguma abstração que ocupou o lugar dessa pessoa, podendo ser esse um ideal, um país, a liberdade, etc. O luto, para Freud, embora envolva o afastamento de algumas coisas e de situações da vida, não deve ser considerado um processo patológico, nem ser submetido a tratamento, pois se espera que esse processo seja superado após algum tempo, considerando-se inútil ou prejudicial sua interferência. O curso esperado do luto envolve o desligamento da libido ligada ao objeto perdido e a ligação para outros objetos. Freud ressalta ainda que não há luto por alguém que foi indiferente para nós, pois, nesse caso, não haveria investimento psíquico.

A partir da leitura do conceito de luto na obra freudiana, Indursky e Kveller (2017) salientam que esse, para o psicanalista, pode ser definido em três eixos: o primeiro, uma situação onde um sujeito perde um de seus parentes; o segundo, um trabalho individual e psíquico, no qual o social é esquecido ou negligenciado enquanto parte constitutiva da elaboração da transição da vida para a morte; e, terceiro, um trabalho que visa disponibilizar condições psíquicas para que o sujeito consiga encontrar um objeto substituto ao objeto perdido, retornando ao seu estado anterior. Ao falar sobre luto, esses três eixos articulam-se juntos na compreensão do processo.

O luto se trata de um estado de espírito penoso, acompanhado da perda de interesse pelo mundo externo, já que não conta mais com o ente querido. Freud (1917/1996a) fala em “trabalho de luto”, que consiste na percepção que o sujeito tem da realidade, de que o objeto não existe mais, na qual exige que toda a libido ligada ao objeto seja retirada. Esse trabalho se torna árduo porque abandonar uma posição libidinal é angustiante, contra a vontade do sujeito. E ele reluta em fazer isso, mesmo quando há objetos substitutos para ligar novamente a sua energia

libidinal. Ainda no trabalho de luto, o autor explica que se abre a possibilidade de rompimento com o objeto amado, quando o ego se depara com a realidade de que esse não mais existe. Assim, o ego é demandado a desistir do objeto, declarando-o morto, oferecendo incentivos para continuar a viver. Na conclusão do trabalho de luto, o ego ficaria outra vez livre e desinibido. Nesse contexto, é importante ressaltar que esse entendimento de Freud é um dos primeiros que contribuíram nos estudos sobre a dinâmica do luto, e que eles ainda hoje são base para novas problematizações sobre o tema, havendo autores que concordam com as colocações de Freud, assim como autores que criticam seu método.

Retomando às ideias de Indursky e Kveller (2017), ao fazerem uma leitura na obra freudiana, observam que a perda de um parente exige uma mudança de posição do sujeito diante de sua genealogia familiar e esse fato acaba produzindo marcas incontornáveis de suas escolhas de objetos e identificações simbólicas. Essa observação enfrenta a colocação de Freud de que, após o sujeito desinvestir a libido no objeto perdido e investir em outros objetos, teria seu ego livre e voltaria a um estado “normal”, anterior ao luto. Os autores ressaltam também a contradição de Freud em seus escritos e em sua experiência pessoal, pois, diante da perda de sua filha Sophie, Freud endereça uma carta a um amigo dizendo: “É sabido que o luto agudo causado por uma tal perda encontrará um fim, mas permaneceremos inconsoláveis, sem jamais encontrar um substituto.” (Freud como citado em Indursky & Kveller, 2017, p. 406). Esse trecho nos revela a contradição entre sua teoria, ao dizer que a libido deve ser deslocada para um objeto substituto, e o que Freud diz a partir de sua experiência, que não se encontra um substituto para a morte de alguém próximo. Para Indursky e Kveller (2017), é possível que haja algo de traumático na perda, cuja elaboração não se limita à tomada de consciência sobre a transitoriedade da vida ou ao encontro de um objeto substituto.

Por se tratar de um processo que demanda um frequente movimento e um deslocamento da libido, como na teoria de Freud (1917/1996a), o luto faz com que o sujeito perca o interesse no mundo externo, pois esse se torna pobre e vazio. O autor salienta que o luto é um processo gradual e prolongado, e não há uma sequência psíquica de elaboração. Freud observou, nas análises que realizava, que se tornava frequente aparecer primeiro uma lembrança ativada, depois outra. E relata que, apesar de os lamentos soarem sempre como os mesmos, essas lembranças vinham sempre de uma fonte inconsciente diferente, demonstrando o quão desgastante é o processo de desinvestir toda a libido investida no ente querido.

Outro autor relevante, que traz críticas à obra de Freud, é Allouch (2004). Ele, ao reler a obra *Luto e melancolia*, faz críticas ao psicanalista em relação à ausência

do discurso social no “trabalho de luto”, pois esse, na obra freudiana, encontra-se restrito ao enlutado e ao objeto perdido, em uma relação libidinal isolada de si consigo mesmo. Para o autor, o fechamento do luto se daria por meio de um ato público (o discurso social) que consiste na realização de um testemunho sobre esse luto, sobre a nova posição do enlutado diante do seu desejo (Maesso, 2017). O testemunho da experiência da perda possibilitaria que o sujeito enlutado se escutasse ao contar sua história, criando condições de atribuir sentido à sua perda e, posteriormente, de resignificá-la. Esses autores mais atuais enfatizam a importância do Outro e do discurso social envolvidos na elaboração do luto, pois Freud acabava tendo uma visão não tão abrangente sobre esses processos. Sua teoria baseava-se, principalmente, na dinâmica inconsciente da libido.

Na compreensão desses processos libidinais envolvidos no luto, e refletindo sobre os escritos de Freud, Nasio (1997) se coloca a pensar sobre o objeto de amor perdido e seus investimentos/desinvestimentos. O psicanalista afirma que o objeto não se trata apenas da pessoa do morto, mas de sua representação no inconsciente do enlutado. Não seria a pessoa que receberia os investimentos afetivos, mas sim as representações mentais que se tem dela. Assim, a libido é retirada das representações do objeto amado e perdido para se deslocar ao eu e a uma parte específica dele. Freud nomeia esse movimento de “prova de realidade”, sendo essa uma função que permite ao eu diferenciar as percepções internas das percepções externas.

Nasio (1997) também faz outros apontamentos sobre o luto na obra de Freud, observando que, para esse, a dor não é exclusivamente ligada à perda, mas ao trabalho de luto e que, ainda, o mesmo não procurou saber por que a perda é dolorosa, e sim por que o trabalho de luto é doloroso. Em contraponto, Nasio fala que a dor seria um objeto de pulsão transitória e provisória, sendo necessário que o sujeito, sob o choque da morte do ente querido, não deixasse de exercer sua atividade pulsional. Para ele, é entre a voz que se parte e a que talvez esteja por vir que se intercala a dor. Assim, o sujeito continua movido pelas pulsões que o fazem viver.

Em oposição ao que Freud (1917/1996a) fala sobre o trabalho do luto ser árduo pelo desinvestimento da libido nas lembranças ligadas ao ente querido, Nasio (1997) salienta que a dor não se deve ao desligamento da libido às representações, mas sim ao superinvestimento que foi feito nelas. A dor corresponderia, portanto, a uma alta concentração de libido na representação do objeto que na realidade foi ferido ou perdido, e esse superinvestimento se daria em consequência de um maior apego no interior ao objeto que não existe mais no exterior. Nasio afirma que, assim, a dor do luto não é a de separação, mas sim a de se apegar mais do que nunca ao objeto perdido. A dor do sujeito não

se dá por não ter mais perto de si o ente amado, mas por tê-lo ainda presente. Não se trata somente da dor de perder, mas sim da dor de se ligar fortemente aos laços com a representação do ente amado. Desse modo, é possível observar que, paralelo aos processos inconscientes que estão envolvidos no luto, está ali um sujeito angustiado, sofrendo pelo excesso de lembranças e de presença que se tem da pessoa perdida.

É importante citar outra psicanalista relevante que contribuiu para a compreensão do tema proposto. Melanie Klein (1935/1996), ao falar sobre o luto, ressalta que tanto no luto normal como no luto patológico se tem uma reativação da depressão infantil, pois retornam as fantasias, as ansiedades e os sentimentos que se davam em torno, por exemplo, da perda do seio da mãe. No luto normal, como refere a psicanalista, a posição depressiva arcaica é reativada com a perda do objeto amado, mas ela modifica-se novamente, sendo superada com métodos semelhantes aos utilizados na infância. Ao sofrer a perda e reorganizar seu mundo interior, que havia sido desintegrado, o sujeito vence seu pesar, volta a ter segurança, conquistando novamente sua paz e harmonia. Com isso, observa-se que, apesar do luto ser um processo singular, e de cada sujeito encontrar formas para enfrentá-lo, não é estranho que cada um de nós enfrente-o como o era na infância, quando passávamos por perdas. As perdas nos constituem e, portanto, lidamos com elas desde muito pequenos, na mais tenra infância.

Complementando as ideias de Klein postas acima, Campos (2013) aponta que para algumas pessoas a perda de alguém é disjuntiva, para outras pessoas, não. Isso se dá porque a perda atual evoca um complexo de fantasias inconscientes, fazendo reviver impulsos e defesas, desestruturando a personalidade. Assim, passar por uma perda pode acarretar em diversas patologias, em especial quadros depressivos. Isso mostra o quanto cada perda é singular para o sujeito enlutado, pois cada objeto perdido traz à tona representações inconscientes diferentes.

Ao fazer um apanhado sobre o luto na obra do psicanalista Winnicott, Barone (2004) destaca que o trabalho de luto teria como objetivo, de um lado, garantir a manutenção de uma lembrança viva de quem partiu, evitando, no entanto, entrar em um estado alucinatório que faria acreditar que a separação não se deu e, por outro lado, evitar encontrar-se em um estado de desamparo, registrando um estado vazio. Winnicott fala em “lidar com a perda sem quase perder o que é perdido” (1988, p. 34), abrindo possibilidades para a manutenção do que foi perdido, sem apelar à negação. A ideia de manter o que foi perdido não se trata de uma posição alucinatória ou delirante, trata-se mais da ideia de ficar com os restos que ficaram e se haver com isso.

Diante das contribuições dos diversos autores sobre o luto, pode-se

compreender que os estudos de Freud têm sido base para que outros autores discutam e enriqueçam a obra freudiana, dando possibilidades de reflexão e de reinvenção da psicanálise. Pensar em um trabalho sobre esse tema é um desafio, mas é através das palavras e pela narrativa que se torna possível a elaboração. Assim, é preciso que continue se falando sobre perdas e sobre vazios, principalmente no meio acadêmico.

Falar de resignificação implica em apontar que o homem ao longo de sua existência sempre buscou construir sentidos para sua vida, sua razão de ser e estar no mundo. Talvez uma das únicas coisas que podem sustentar um sujeito em situação de adversidade extrema é a consciência de que a vida tem um sentido a ser realizado, mesmo que no futuro. Da mesma forma, quando o sujeito vivencia o luto de um ente querido, em um primeiro momento, ele sofre de angústia e negação, e uma das formas de seguir em frente e elaborar o luto está na resignificação da sua história de vida (Carneiro & Abritta, 2008).

A resignificação da história de vida permite que o sujeito dê novos sentidos à sua experiência, além de lidar com o que ficou da pessoa que se perdeu. John (2015) salienta que o que está em jogo na resignificação é o trabalho com algo que já se encontrava antes no campo do sentido e, também, que a raiz do termo “ressignificar” remete a dar outro sentido, uma nova significação. Trata-se, então, de algo que já estava inscrito no campo do simbólico, onde se constata, com isso, que resignificar não é trazer algo novo para o campo da representação, mas sim dar um novo sentido a algo que já estava lá. A autora ainda fala que a abertura de novos sentidos trazidos pelos processos de resignificação permite a ampliação das redes de significação do sujeito, que influenciam também o trabalho de nomear o que antes era impossível de se dizer.

O ato de escrever ou falar sobre acontecimentos – nesse caso a experiência do luto, permite recriar essa vivência e transformá-la, mexendo com os rastros deixados no psiquismo e produzindo efeitos de sentido (Santos Filho & Santos, 2006). Partindo do pressuposto de que resignificar as experiências vividas implica em reconstruir/desconstruir as memórias ligadas ao objeto/ente perdido, faz-se necessária a compreensão da memória na via psicanalítica.

Ao analisar o trabalho de Freud, os autores Laplanche e Pontalis (2001) resgatam que o conceito de memória na obra freudiana encontra-se depositado na forma de signos e traços. Esses traços são inscrições que se produzem desde os primeiros tempos de vida e que não se assemelham a percepções exatas, mas sim correspondem a percepções, detalhes e atributos que dão indícios do que foi vivido. Destaca-se que todas as memórias estariam inscritas, porém, o reaparecimento de cada uma delas dependeria da maneira de como foram

investidas ou não investidas. Freud (1896/1976), em uma carta endereçada a Fliess, fala sobre a memória e a sua articulação com a resignificação:

... o material presente em forma de traços da memória estaria sujeito, de tempos em tempos, a um *rearranjo* segundo novas circunstâncias – a uma *retranscrição*. Assim, o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra em vários tempos; que ela é registrada em diferentes espécies de indicações... (Freud, 1896/1976, p. 154).

Através do fragmento exposto acima, articulando as noções de memória e de luto, pode-se observar que, nessa última experiência, a resignificação está implicada como um processo vastamente complexo, em que o sujeito há de lidar com as novas significações que serão atribuídas às demais memórias ligadas ao ente querido. Santos Filho e Santos (2006) apontam, nessa mesma direção, que vivências atuais podem reordenar e transformar o sentido de experiências passadas através de novas configurações e de novos arranjos do material psíquico, o que nos remete à resignificação.

Para entendermos a resignificação, faz-se necessário resgatar conceitos freudianos. Ao fazer alguns recortes sobre a obra de Freud, Fuks (2000) alerta para o resgate do termo “*Nachträglich*”, utilizado pelo psicanalista em 1896, que, no nosso idioma, pode ser entendido como “a posteriori”, “retroatividade” ou “ressignificação”, conceitos esses que giraram em torno do conceito de trauma. Ainda segundo Fuks (2000), o termo resignificação nos escritos de Freud se relaciona ao traumatismo sexual precoce, no qual a criança passa por um impacto que naquele momento não tem sentido para ela, como o tem um adulto ou uma criança mais velha. Só mais tarde, na puberdade ou na vida adulta, o sujeito atribuiria sentido àquela cena traumática, a partir de um traço associativo entre as cenas do passado e do agora – e esse seria então um segundo momento, a posteriori, em que o sujeito, por conta de sua evolução intelectual e afetiva, e tomado pelo inconsciente, pode se dar conta de tais acontecimentos e ligações existentes neles, criando possibilidades de resignificar uma cena antiga. John (2006) aponta que essa mesma dinâmica do trauma está envolvida nos processos de resignificação da história de vida, pois, de forma semelhante ao trauma, quando nós sofremos uma perda, é em um segundo momento que há a possibilidade de dar sentido a essa experiência, sendo possível sua compreensão e resignificação.

É importante ressaltar que o tempo da resignificação é o tempo do inconsciente, não se trata de um tempo cronológico e nem se tem indícios de quando e em que época de sua vida o sujeito poderia se dar conta desses sentidos. Fuks (2000), ao falar sobre o trauma, assinala a necessidade dele se fazer atual,

pois é isso que permite elaborá-lo e mudar a história. Essa nova historicização do sujeito sobre o trauma abre caminhos para que ele mude o sentido e a intensidade desses traumas. Nesse sentido, o primeiro tempo do trauma é mudo, até que posteriormente se permita constituir e falar em um trauma propriamente dito.

Segundo John (2015), o conceito de “a posteriori” ou “ressignificação”, primeiramente, estava muito ligado ao caráter sexual e corporal, mas com a colaboração da psicanálise francesa para a compreensão da ideia, atualmente, ele pode ser pensado em vias de processo e elaboração. Isso garante ao sujeito novos níveis de compreensão de certos acontecimentos em sua vida. A autora destaca, ainda, que o conceito de “nachträglich” não precisa ser necessariamente ligado a episódios pontuais e traumáticos, mas sim visto como um mecanismo que pressupõe novos entendimentos sobre a história de vida do sujeito num todo.

É essa noção mais abrangente que permite se pensar o termo resignificação como formas de o sujeito construir, reconstruir e desconstruir sua história de vida, como na experiência de luto. Quando o sujeito se refere às cenas de sua vida, como a cena da perda, a própria passagem do tempo faz com que ele ocupe diferentes posições subjetivas sobre sua história, que vão dando recursos para ele poder contar-se e (re) contar-se. Assim, a história do sujeito está em constante resignificação (John, 2015).

Oliveira (2011) fala que o aparelho psíquico possibilita fazer novas ligações, já que ele não é imutável. Dessa forma, os sintomas, atos falhos, sonhos e esquecimentos regidos pelo psiquismo dão vias de acesso às representações inconscientes do sujeito, possibilitando que ele realize novas tessituras entre suas representações. Pensando no processo de luto, pode-se dizer que o sujeito, ao longo do tempo, vai ocupando diversas posições frente ao objeto perdido e tendo representações diferentes sobre esse, fazendo com que resignifique constantemente seu afeto e suas memórias em relação ao ente querido.

Ao pensar sobre o termo resignificação, Oliveira (2011) entende que esse processo coloca o psiquismo em movimento, em busca de novas significações. A autora articula isso com a clínica, afirmando que, na pretensão de ajudar o outro a tornar menos intenso o seu sofrimento, deve-se saber que é necessário mergulhar nele primeiro, admiti-lo como um traumatismo que pode vir de fora, mas que vem de dentro também, dos movimentos pulsionais e afetivos do sujeito. Dessa forma, a resignificação da história de vida do sujeito enlutado permite que ele se reorganize e mergulhe na sua dor, para que então ocorram os processos de resignificação, possibilitando com que ele fale e lide com seu sofrimento.

John (2015) salienta que, se a resignificação permite o tecer de novos sentidos, o que se faz ao longo do tempo, não quer dizer que se trate de pura criação, como se fosse uma invenção de uma história nova, mas sim que diz respeito ao resgate

e à apropriação subjetiva de uma história que já começou bem antes do sujeito existir. Entende-se, então, que no luto não se trata de ressignificar a história de vida de tal maneira como se aquela pessoa perdida nunca tivesse sido investida de afeto, mas sim de levar em conta toda a trajetória de afetos e ligações que se teve com o ente querido, pois não há como negar que esse esteve presente e afetou a história de vida do sujeito enlutado.

Diante da exploração do conceito de ressignificação, torna-se possível entender o quanto é necessário, para um sujeito que passou por uma perda, que ele tenha possibilidades e condições de falar sobre sua experiência e ser escutado. Seja ao falar, ao escrever, ou mesmo com a passagem do tempo, é através dessas situações que o sujeito passa a se situar em sua história de maneira diferente. Sempre que um sujeito conta sua história para alguém, ou ao pensar nela, ele pensa de formas diferentes, com alguns detalhes a mais ou a menos. Essas novas posições diante de sua própria história possibilitam que se veja a mesma experiência com olhares diferentes. E isso se trata da ressignificação da história de vida de cada um. Ela não é feita somente em experiências dolorosas e traumáticas, mas constantemente. No entanto, na peculiaridade da experiência de luto em especial, quando o sujeito tem caminhos de recontar e reconstruir sua história, torna-se possível que ele não adoça de seu sofrimento, que ele tenha outros olhares diante disso. Não somos os mesmos diante da perda, mas não precisamos nos tornar sujeitos silenciados e adoecidos. Ao pensar na elaboração do luto, pode-se observar um alguém que foi afetado, que está diferente e que deu outros sentidos à sua vida, que a ressignificou.

Escrever e investir neste trabalho possibilitou refletir em sobre como o luto pode ser visto como um processo esperado diante da morte de um ente querido e, ao mesmo tempo, muito complexo, dado que o inconsciente faz um trabalho denso e delicado diante dessa situação. O desejo de realizar esta escrita se deu pela curiosidade de, ao mesmo passo em que é considerado uma reação normal para algumas pessoas, para outras pode ser algo que causa um estado extremamente angustiante e que desencadeia patologias.

Por acreditar que através das palavras se pode significar e ressignificar experiências e dar sentido ao que é indizível, este trabalho é uma aposta de que é possível construir e desconstruir o mundo através da linguagem e de sua expressão. Para isso, foram essenciais os resgates teóricos realizados, que possibilitaram a exploração desse tema, que costuma não ser dito e se torna silenciado até mesmo no ambiente acadêmico.

Sabe-se que a elaboração de um luto pode acontecer de várias formas e que não se tem um tempo estimulado para que isso aconteça. É um trabalho singular e cada sujeito encontra sua forma de lidar com ele, na análise, na arte, na escrita,

entre outros. Este estudo possibilitou pensar sobre a elaboração do trabalho do luto através da resignificação da história de vida do sujeito, apostando que as várias formas que esse encontra de lidar com o luto dão suporte e possibilitam ao sujeito (re)contar-se, construir e desconstruir sua história de vida e sua experiência traumática. Assim, ele se refaz por meio dessa situação, podendo seguir em frente.

Contudo, resgata-se a importância de o luto poder ser uma experiência que seja circulada pelo laço social, que ela possa ser contada, escrita e/ou ouvida por outra(s) pessoa(s). Pois, quando expressamos nosso sofrimento e o colocamos em palavras, criamos possibilidades de resignificar a experiência dolorosa e dar outros sentidos, para além da dor e do sufocamento das palavras que não dizemos. Por fim, a reflexão de Ana S. Sesarino (2017, para. 7) se faz preciosa aqui: “A palavra é o único meio de elaborarmos. Com aquilo que vira palavra podemos fazer algo. Mas aquilo que não vira palavra, nos faz refém de acontecimentos”.

### **The redetermination of the history of life in the experience of grief**

**Abstract:** Nowadays, the culture has become normal to silence psychic suffering and do not open spaces to talk about loss and mourning. The difficulty of talking about death is noted, and because this, it is still often treated as a taboo, making mourning, although it is a process considered expected in front of the death of someone close, this fact becomes something extremely distressing and without voice, and in some cases, causing illness in some people. On this case, this work tried to understand how the process of articulated mourning the redetermination of the person's life history, since the redetermination allows these people to recreate and reconstruct their histories and their experiences of loss, in order to elaborate mourning.

**Keywords:** Grief. Psychoanalysis. Redetermination.

### **Referências**

Allouch, J. (2004). *A erótica do luto no tempo da morte seca*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.

Barone, K. C. (2004). *Realidade e luto: Um estudo de transicionalidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Benjamin, W. (1994). O narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In *Obras escolhidas – Magia e técnica, arte e política: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. (Vol. 1, pp. 197-221). São Paulo: Brasiliense.

- Campos, E. B. V. (2013). Considerações sobre a morte e o luto na psicanálise. *Revista de Psicologia da UNESP*, 12(1), 13-24.
- Carneiro, C., & Abritta, S. (2008). Formas de existir: A busca de sentido para a vida. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 14(2), 190-194.
- Cavalcanti, A. K. S., Samczuk, M. L., & Bonfim, T. E. (2013). O conceito psicanalítico do luto: Uma perspectiva a partir de Freud e Klein. *Psicólogo InFormação*, 17(17), 87-105.
- Freud, S. (1996a). Luto e melancolia. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 243-263). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1917)
- Freud, S. (1996b). Reflexões para os tempos de guerra e morte. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14, pp. 285-312). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Freud, S. (1976). Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1896)
- Fromm, E. (2011). A complexidade e a simplicidade da experiência do luto. *Acta Paulista de Enfermagem*, 24(3), 7-8.
- Fuks, L. B. (2000). O traumático na clínica. In L. B. Fuks, & F. C. Ferraz (Orgs.), *A clínica conta histórias* (pp. 110-135). São Paulo: Escuta.
- Giacoaia Júnior, O. (2005). A visão da morte ao longo do tempo. *Revista Medicina – Ribeirão Preto*, 38(1), 13-19.
- Indursky, A. C., & Kveller, D. B. (2017). Freud e o judaísmo: Luto, trauma e transmissão. *Psicologia USP*, 28(3), 405-413.
- John, D. (2006). *A resignificação da história de vida: Temporalidade e narrativa no percurso da análise* (Tese de doutorado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- John, D. (2015). *Reinventar a vida: Narrativa e resignificação na análise*. São Paulo: Ideias & Letras.
- Klein, M. (1996). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In *Obras completas de Melanie Klein: Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1935)

- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (2001). *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Maesso, M. C. (2017). O tempo do luto e o discurso do outro. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 20(2), 337-355.
- Nasio, J. D. (1997). *O livro da dor e do amor*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Oliveira, F. C. M. (2011). A arte da reescritura: Uma resignificação?. *Jornal de Psicanálise*, 44(80), 127-140.
- Pessoa, F. (1995). *Poesias* (15a ed.). Lisboa: Ática. (Original de 1933)
- Ramalho, R. M. (2017, Outubro). Quando o eu é um nada. *Correio da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*. Recuperado de [http://www.apoa.com.br/correio/edicao/270/quando\\_o\\_eu\\_e\\_um\\_nada/512](http://www.apoa.com.br/correio/edicao/270/quando_o_eu_e_um_nada/512)
- Rochak, L. M. (2015). *O que perdi ao te perder: O luto como modelo de elaboração da perda*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí.
- Santos Filho, F. C., & Santos, D. M. W. (2006). Memória, dor e resignificação. *Psicanálise – Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 8(1), 119-134.
- Sesarino, A. S. (2017, Abril). Falar de vida é caminho para afastar os adolescentes do jogo Baleia Azul. *Planeta Educação*. Recuperado de <http://www.planetaeducacao.com.br/portal/artigo.asp?artigo=2997>
- Winnicott, D. W. (1988). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA  
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 10/07/2018

Aceito em: 23/07/2018

Rafaela Gross  
Rodovia Rota do Sol, 3555  
95538-000 – Itati – RS – Brasil  
E-mail: [rafaelagrossrg@gmail.com](mailto:rafaelagrossrg@gmail.com)